comentária

PARA COMPREENDER

de JOFRE AMARAL NOGUEIRA

O sr. António Sérgio acaba de submeter-me na «Seara Nova» cinco «temas para meditação» nos quais me propõe buscar «desinteressadamente, sem *parti pris*, as suas razões e conseqüências».

Confesso que espero do sr. António Sérgio um pouco mais de atenção ao que eu lhe escrevo, um pouco mais de higiénica compreensão, e um pouco menos de bondade catedrática. Nascermos, todos os da minha idade um pouco tarde para escutar as vozes que nos falam de entre relâmpagos e trovões...

Se confiadamente lhe escrevi a minha carta, foi porque verificara que o sr. António Sérgio não resolvia (nem atentava nelas) as dificuldades que qualquer pessoa, por pouco que soubesse de materialismo dialéctico, encontraria em face. Se confiadamente lhe escrevi a minha carta, foi porque fiz aos seus méritos a justiça de não considerar o que o sr. Sérgio escreveu como... legislação filosófica.

Permita-me que trate agora dos temas que constituem o artigo da *Seara*. E desculpe o arrojo insolente de propôr-lhe que admita por momentos, por fantásticamente absurda que seja a hipótese, a possibilidade de um rapazinho de vinte anos, por uma aberração da natureza, por um fenómeno patológico misterioso—, ser capaz de pensar e de ter razão. O esforço que lhe peço deve ser-lhe sobre-humano, mas é também o primeiro estádio duma atitude compreensiva e, se o caso se der, terá o sr. António Sérgio o ensejo de meditar num fenómeno para si inédito.

Primeiro tema. Para o materialista dialéctico a **consciência** e o **ser** são duas coisas diferentes, duas coisas que não coincidem. Perante o problema das relações entre consciência e ser, entre espírito e matéria, o homem tomava duas atitudes clássicas: ou reduzia o ser à consciência, a matéria ao espírito, e via no ser um «epifenómeno» da consciência; ou reduzia a consciência ao ser, o espírito à matéria, e via na consciência um epifenómeno da matéria. Para o materialismo dialéctico não se trata da solução do problema pela destruição do que tem de particular

e de irredutível ao outro cada um destes dois elementos: o materialismo dialéctico resolve o dilema clássico estabelecendo entre os dois termos uma relação, uma **unidade**, que é feita pela acção do homem.

Era acerca disto que se disse nas «Teses sobre Feuerbach»: «O principal defeito de todo o materialismo passado é que o objecto, a realidade, o mundo sensível são por elle compreendidos sob o aspecto de **objecto** ou de **intuição**, mas não sob o aspecto de **actividade concreta humana**, como **prática**, não de maneira subjectiva. Assim se explica porque o aspecto **activo** foi desenvolvido pelo idealismo em opposição ao materialismo, mas só abstratamente, porque o idealismo não conhecia naturalmente a actividade real, concreta, como tal.»

E' ainda das *Teses* o seguinte pequeno trecho que podemos considerar a **chave** de todo este sistema filosófico: «A doutrina materialista em que os homens são produtos das circunstancias e da educação, em que, por conseqüência, homens modificados são produtos de outras circunstancias e duma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que modificam as circunstancias e que o próprio educador precisa de ser educado».

E' exactamente porque se compreende a «realidade, o mundo sensível» sob o aspecto de «**actividade concreta humana**, como **prática**» que se diz que a acção do homem, modificando as coisas, modifica o próprio homem: que a consciência do homem é determinada pelo mundo sensível, em modificação sob a acção da actividade humana.

E' óbvio que a acção do homem se exerce, que a consciência é determinada pelo ser, dentro de certas condições em que as propriedades da matéria, o mecanismo perceptivo do homem, a experiência e a razão adquiridas, as circunstancias da acção humana—se exercem e se coordenam. E é óbvio, também, que essas certas condições, sendo funções de variáveis, são variáveis também, embora a variação não seja arbitraria mas sujeita a certas leis de desenvolvimento. Por outro lado, é também verdade que essas condições definem a maneira

e são a razão por que se diz que a matéria determina a consciência.

Exemplificando: foi da acção do homem que veio o conhecimento de que o hidrogénio e o oxigénio, juntos em certas condições, formam a água. Não se pode evidentemente formar água pela junção de carbono e de zinco: a razão e a sua eficácia são determinadas, neste caso, pelas propriedades da matéria, por uma certa organização da matéria. E' certo que, muitas vezes, deductivamente se tiram de certas leis da matéria conseqüências acertadas, verdadeiras; mas só a prática humana dá a essas conseqüências a realidade pragmática que as torna verdadeiras, e a sua dedução só foi possível graças a uma experiência anterior.

A intelligibilidade do mundo não é uma condição **a priori**, um **dever ser**, ela é o resultado da experiência humana. A própria razão é um processo que se desenvolve, que se organiza, pela «totalização da experiência». Os chamados princípios da razão são conseqüências do exercício da razão, conseqüências da experiência racional, determinadas portanto pelo conhecimento da matéria, pelas propriedades da matéria. No caso do navio que o sr. António Sérgio cita, as «máquinas propulsoras», embora **propulsoras**, são determinadas pela função do navio, pelo meio em que ella se exerce, pelas lições adquiridas na experiência, na acção, das máquinas propulsoras. O sr. António Sérgio não se lembraria, certamente, de pretender propulsionar um navio por meio duma máquina de bater gemadas, pelas rodas dum automóvel, ou pela hélice e pelas asas dum avião.

Quando o sr. António Sérgio fala na eficácia das ideias, considera-a um facto inadmissível dentro duma concepção materialista, coerente consigo própria. E é evidente que ao considerá-la assim, não o faz por essa eficácia em si, desligada de suas conseqüências. Se bem me parece o sr. António Sérgio considera as conseqüências duma certa concepção de eficácia, dentro de uma certa concepção de vida: é dentro dessas conseqüências, assim tiradas, que considera irredutíveis a eficácia das ideias e o materialismo. Ora,

não podemos considerar a eficácia das ideias em abstrato, como uma qualidade das ideias, da qual logicamente, deductivamente, se tiram conseqüências abstratas:—temos de considerar uma eficácia real, produzindo-se em circunstancias várias e em certas condições. O sr. Sérgio não repara que entre as ideias e a sua acção eficaz, estão o mundo psicológico e social do homem, as leis de organização e desenvolvimento da matéria?

Ora é exactamente por que o materialismo dialéctico considera essa eficácia concretamente, como acção do homem total, que afirma que as ideias e a sua eficácia são determinadas pelas propriedades da matéria sobre que agem e de que recebem, nessa acção, as influências determinantes, modificadoras, orientadoras, inspiradoras.

O tom da crítica do sr. António Sérgio é, neste ponto, um tom tal que nos dá a nítida impressão que **desconhece**, ao tratar da exclusão entre eficácia das ideias e materialismo—estas criticando um sistema em que é da própria eficácia das ideias que resulta a concepção materialista. Se o sr. Sérgio tivesse reparado neste pequenino ponto é indiscutível que raciocinaria dum modo bem diferente.

O sr. António Sérgio poderá dizer-me que não admite, que julga falsas, esta concepção de eficácia das ideias e aquela outra, atrás dada, de matéria e mundo sensível. Demos de barato que tem razão, que as duas concepções são falsas; não esqueça porém o sr. Sérgio que o que desejava mostrar era uma contradição entre os conceitos **A** e **B** dentro do sistema **C** e não nos podia falar, portanto, dos conceitos **A** e **B** dentro do sistema **D**. O contrário seria uma habilidade demasiado visível para que a intelligência do sr. António Sérgio a usasse.

Segundo Tema. O segundo tema é, em resumo, o seguinte: «Mal eu afirmo que a opposição e composição das forças materiais reproduz uma opposição e composição de ideias (por outras palavras: mal eu afirmo que aquela opposição é dialéctica) eu saio do campo do materialismo».

As conclusões que tirei da

(Continua na página imediata)